

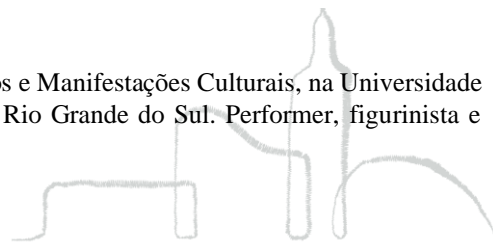
“PARA VESTIR”: ROUPA-MANIFESTO E A NATUREZA PERFORMÁTICA DAS VESTES FALANTES

Hoffmann, Ana Cleia Christovam; Doutora em Educação (UFRGS);
Universidade Feevale, hofana@gmail.com¹

RESUMO

Este resumo tem como objetivo abordar a experiência coletiva construída a partir do conjunto das obras Vestes Falantes, da artista Solange Gonçalves Luciano, na sua exposição *Toda vida é uma obra de arte* e discutir os conceitos de antiarte, antimoda e a experiência coletiva presentes na sua obra para pensar ‘o que pode a moda?’ Ao parafrasear Deleuze (2017), que, ao ler Espinoza pergunta: ‘o que pode um corpo?’ tem-se: ‘A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado’ (Deleuze, 2017, p.147). *Roupa-manifesto*, é como nomeio a série de vestes, arte vestível, da multiartista Solange Gonçalves Luciano, que esteve à disposição para os visitantes-brincantes interagirem e performarem seus corpos, no período de abril a junho de 2024, em exposição no Espaço Cultural do Teatro Feevale. A proposta de experiência coletiva da qual se fala, relaciona-se à construção oriunda da década de 1960, quando nas vanguardas da arte contemporânea, o desejo por uma desintelectualização da arte e do artista surgem, ou ressurgem tendo em vista que o início do século XX é marcado por um movimento antiarte. No Brasil, muitos artistas se destacam. Dentre eles, a obra Parangolés de Hélio Oiticica. As capas eram construídas em material alternativo, inspirados pelos estandartes e pelos movimentos dos corpos na dança das escolas de samba. ‘Na época a nova utopia oferecida pela obra de Oiticica previa seu fim como prática institucionalizada e buscava um espaço criativo longe de qualquer forma de incorporação que restringisse sua liberdade’ (Mari, 2017, p. 147). Esta aproximação que se constrói entre as Vestes Falantes e os Parangolés, não é aleatória. A artista Solange cria obras *para vestir*, as quais ela também intitula serem obras inacabadas. Nem toda vestimenta ou roupa é moda. A antimoda ao ir contra esse ciclo de mudanças da moda, mostra como é sobreviver ao tempo. Para Wilson (1985, p. 247) a antimoda trata-se de “a uma tentativa de encontrar um estilo sem época, de eliminar por completo o elemento de mudança na moda”. Ou seja, o estilo, ao contrário da moda, se destaca por ser mais substancial e duradouro, enquanto a moda é autodestrutiva e prospera em sua própria obsolescência. *Para vestir* sem imposições, durante a exposição, as

¹ Professora e pesquisadora no Curso de Moda e Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Performer, figurinista e produtora de moda. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8380090076778971>



experimentações realizadas revelam o quanto a natureza performática que se cria ao redor da obra da Sol é inquestionável. Suas vestes são feitas *para vestir*, incorporar. Trata-se de um vestir que se expande do individual para o coletivo, da arte para a moda e vice-versa. Ao elaborar a sua condição híbrida, do corpo e do vestir, na espacialidade, reinventa-se a paisagem em torno da obra. Vestir-se, abrigar-se, liberar-se, investir-se na obra. Este último, da obra enquanto investimento, segundo a artista, é o que garante a ela o passaporte nos espaços de arte e por isso, suas obras não são comercializadas. As Vestes Falantes e o vestir que num dado momento confronta o cotidiano do hospital psiquiátrico, logo abre “lugar” para outros “espaços”, o branco se transforma em multicores, assinatura do trabalho da artista. A quebra de paradigmas se dá em muitos momentos e de muitos modos, quando sua obra ocupa os espaços de galerias e museus e da rua, quando se envolve nos corpos dos brincantes de centenas de pessoas que interagiram com as vestes e executaram aquilo que pode ser nomeado de performance, legitimando a sua veste como arte vestível, e por que não? Figurino. A partir da revisão bibliográfica e da experiência coletiva, percebe-se a roupa alcançando a condição híbrida elaborada a partir das transformações culturais contemporâneas, evidencia os sentidos do corpo e os sentidos do vestir, condição esta que só é possível em meio ao convívio social, ao ocupar territórios e conjugar significados, que por sua vez são transitórios e impermanentes. Neste sentido, a moda como campo transdisciplinar, a partir da obra da artista Solange, pode transbordar as fronteiras da própria moda, que se caracteriza pela mudança, optando assim por uma antimoda, permanente, mas que muda a partir da relação com os corpos e por ser coletiva e não convencional, torna-se antiarte.

Palavras-chave: arte vestível; roupa-manifesto; Vestes Falantes.

Referências:

DELEUZE, Gilles. **Deleuze, Espinosa e o Problema da Expressão**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

WILSON, Elisabeth. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

MARI, Marcelo. A veste e o corpo: parangolé e corpo coletivo. In: **Moda e historicidade: múltiplos olhares**. Adair Marques Filho, Mirian da Costa Manso Moreira de Mendonça (Org.). Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

